

Juros aumentam com a posse de Greenspan no Fed

REGIS NESTROVSKI
Correspondente

NOVA YORK — No juramento de Alan Greenspan como novo Presidente do Federal Reserve (Fed), o Banco Central americano, ele prometeu fazer de tudo pela estabilização do dólar nos mercados internacionais e para manter as taxas de juros baixas. Mas, mal sua sala tinha sido pintada e ele assumido o novo cargo, as taxas de juros subiram pela primeira vez em mais de dois anos, a Bolsa caiu em Nova York e o dólar continuou sua queda nos mercados internacionais.

Estes acontecimentos estão levando os especialistas americanos a preverem novas altas na taxa de juros, uma queda na Bolsa de Nova York e uma recessão, que cada vez mais se aproxima. O economista David Jones, da empresa Aubrey and Johnson, de Nova York, explica:

— A diferença está, basicamente, nas personalidades diferentes dos dois Presidentes do Fed: Alan Greenspan e seu antecessor Paul Volcker, que funcionava mais pelo tato e menos por números. Já Greenspan é uma máquina e, quando os números não batem, ele ataca e faz subir as taxas de juros, que funcionam como arma secreta financeira do Governo para combater o dólar baixo e a volta da pressão inflacionária, diz o economista.

Em números, a situação atual nos Estados Unidos é a seguinte: as taxas de juros subiram pela primeira vez desde abril de 1984, depois de uma queda sucessiva da taxa preferencial de juros (a **prime**). As letras do Tesouro dos Estados Unidos, que são a base do financiamento para o déficit público americano, já estão sendo cotadas a 10%, na maior taxa em dois anos e meio e a expectativa é de alta.

Assim, muitos investidores voltam a preferir os investimentos em Certificados de Depósitos Bancários (CDBs) em bancos e no Tesouro americano e a Bolsa de Nova York caiu esta semana, pela primeira vez depois de vários meses de alta. Preston Martin, ex-Vice do Federal Reserve explica ao GLOBO o que está acontecendo:

— Os Estados Unidos tiveram a maior alta de consumo de produtos nos últimos 40 anos. Assim, estamos caminhando para uma recessão. Não há jeito de se evitar, o que se quer e adiar, diz Martin.

As consequências para o Brasil, de uma taxa de juros alta, são dramáticas, já que, mesmo pagando a dívida externa com uma taxa ligada a **libor** de Londres, ela, por sua vez, está intimamente ligada à taxa **prime** e, no final, o que se passa em Washington fica sendo carro-chefe para a economia mundial. Uma alta de um ponto percentual representa cerca de US\$ 800 milhões a mais na dívida brasileira. Desta forma, os credores deverão considerar este fator quando for discutida a taxa de risco, **spread**, que é acoplada a **libor**, nas conversações sobre a dívida externa brasileira.

James MacDermott, Presidente da Keefe Bruyette and Woods, explica que dentro do interrelacionamento e da interdependência da economia mundial, qualquer atitude tem efeitos imediatos no Brasil, através da dívida. Nesse sentido, as autoridades brasileiras e os banqueiros têm de acertar uma fórmula que proteja os endividados desta alta contínua dos juros, que deverá ocorrer, principalmente, em um período de recessão, diz o economista.